

# EM 1600, JATO E MÁCULA

Romério Rodrigues

Dorme o camponês sobre a palha  
e tem como cobertor a sombra do carvalho.  
É a sesta que lhe cabe  
logo após comer a refeição principal,  
antes do retorno ao suor seu e dos animais de arar.

Está a ranger,  
a ouvir arranhar na terra negra  
à queimadura do metal.  
No sulco, sua mão não para  
de lançar então o trigo,  
que vê assim em frente,  
semente em abraço maneiro,  
futuro desabrochar em caule e espigas,  
estas logo cheias.  
Impressão terá de ouvir  
o toque do coletor, que, com a foice,  
separará sem repulsa ou tédio  
o que serão messes,  
necessárias a feitura do pão.

Sente que aqui, nele,  
passa o sonho da lida,  
vem a malícia que de tudo a imagem fez:  
eis agora a terra em mulher,  
a vir pelo campo para lhe enlaçar:  
sua, a farta entrega; dela, a mais que doação.  
Sendo, os dois, lados de um mesmo vaso,  
juntos vão para verter seiva e multidão.  
Ela, um rio que lhe quebra,  
torce em cem pedaços o que nele  
é pedra e logo fonte estreita e recolhida.

Porém então, ele desperta  
e vê o trigo, que após se converteu em água:  
ali estava.  
A força abrupta de existir  
lhe arrancou os pilares  
do que era verde e onda,  
deixando sobre si  
apenas a lama pegajosa do sonho,  
a pôr à mostra que enquanto único e só  
não lhe servirá para criar coisa pensante e autônoma,  
como um dia foi dito se ter criado  
do barro o primeiro humano.

ROMÉRIO RODRIGUES

É graduado e mestre em letras – língua portuguesa. Atua enquanto professor na rede pública municipal de ensino, em Teresina.